



Mapeamento da agricultura familiar agroecológica do estado do Rio de Janeiro para o abastecimento do Restaurante Universitário da UFRJ e para a promoção do comércio direto

Área Temática: Relato de Experiência, Metodologia e Extensão

Iris M. G. Souza¹, Laura S. C. Carvalho², Roberto S. Bartholo Júnior³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, PEP/COPPE-Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ – iris@inovacao.ufrj.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, PEP/COPPE-Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ – lauracota@pep.ufrj.br

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, COPPE-Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ – bartholo@pep.ufrj.br

Resumo

Em consonância à exigência mundial de um desenvolvimento mais sustentável, que compreende entre outras questões a valorização de pequenas produções locais e uma produção agrícola mais limpa, tem sido desenvolvido no *campus* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) da Ilha do Fundão diversas ações em prol de uma alimentação mais saudável para sua comunidade. Nesse sentido, desde 2005, com o restabelecimento e a reestruturação do Restaurante Universitário (RU) significativas mudanças têm sido despertadas em áreas diversas do saber com o intuito de buscar uma nova forma de abastecimento deste restaurante. O presente artigo apresenta a experiência dessa busca por uma alimentação mais saudável no *campus* da UFRJ, dando destaque ao projeto de desenvolvimento de um sistema de mapeamento de produtores familiares agroecológicos do estado do Rio de Janeiro. Tal iniciativa teve como objetivo identificar e sistematizar informações sobre agricultores e associações/cooperativas de agricultores familiares agroecológicos em uma ferramenta digital disponível na *web*, de maneira a facilitar o acesso a tais dados, indo ao encontro de dificuldade de acesso aos produtores e às informações acerca de suas produções (produtos e quantidades).

Palavras-chave: Agricultura familiar; Sistema de alimentação da UFRJ; Produção agroecológica.

1 Introdução

Popularmente conhecidos como bandejões, os restaurantes universitários sofreram, na década de 80, cortes do governo e passaram por um processo de sucateamento. No caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apesar da resistência de parte da comunidade universitária, a proposta de fechamento foi aprovada em Conselho Universitário, que entendeu que não era responsabilidade da instituição e do Estado garantir alimentação aos



9º ENEDS |

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

estudantes. Assim, por cerca de dezesseis anos, os alunos desta instituição ficaram privados dessa assistência.

Em 2005, depois de lutas e reivindicações, um novo sistema de alimentação, sob responsabilidade do Instituto de Nutrição Josué de Castro, foi inaugurado na UFRJ. No entanto, de forma positiva a reinauguração do Restaurante Universitário (RU) criou a oportunidade de se repensar a atuação do sistema de alimentação universitária no *campus*, que não fosse apenas de caráter assistencial.

O assistencialismo ao estudante foi confirmado como muito necessário para que ele pudesse ficar no *campus*, para que pudesse com pouco gasto ter uma alimentação de qualidade, balanceada. O assistencial era um ponto muito forte, mas por ser um elemento público dentro do *campus* universitário o sistema de alimentação teria que ter também outras ações. Ele teria que estar ligado a questões sociais, ambientais e também acadêmicas (informação verbal)¹.

Com isso, um novo sistema de alimentação começou a ser pensado, englobando não apenas o Restaurante Universitário (RU) em si, mas os demais ambientes que oferecem alimentação dentro da universidade: alojamento, colégio de aplicação, quiosques e restaurantes. A ideia era auxiliar esses outros locais a se adequarem à oferta de uma alimentação saudável. Além disso, a proposta para as instalações da sede do novo RU (FIG.1), localizado na Cidade Universitária da Ilha do Fundão, visava torná-lo um lugar de maior integração, que não fosse apenas um restaurante, mas também um lugar de trocas, de vivência e de aprendizado.

¹ORGANIZADORES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DA UFRJ. [Diálogos sobre a Feira Agroecológica da UFRJ: informação verbal adquirida através de conversas e diálogos com os atores da Feira Agroecológica da UFRJ]. Rio de Janeiro, 2010.



Figura 1 – Sede atual do Restaurante Universitário da UFRJ. Fonte: Arquivos do RU

Ao encontro das ideias do novo sistema de alimentação, juntou-se o setor de Inovação Social da Agência UFRJ de Inovação, criada em 2007, que viu na alimentação um campo fértil para as inovações sociais. Motivados pelos princípios do *Slow Food*, um movimento que valoriza o alimento “bom, limpo e justo” e a produção de pequenos produtores, e pelo ideal da gastronomia como um direito humano, pensou-se que o RU em si poderia ser o local de encontro dessas ideias, o elo.

Com isso, desde 2008 os dois setores da universidade têm trabalhado juntos no desenvolvimento de ações que visem uma alimentação saudável no *campus*. Nesse sentido, a primeira proposta escolhida foi abastecer o RU com alimento orgânico provindo da agricultura familiar do estado do Rio de Janeiro. Uma ação desafiadora que visava fortalecer a economia local e a agricultura do estado, e melhorar a alimentação a partir do conceito de segurança alimentar.

Por outro lado, já em esfera nacional, foi instituída a Lei Nº 11.974, de 06 de julho de 2009, que trata da aquisição de produtos para a alimentação escolar. Pela lei:

Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas (BRASIL, 2009).

Ou seja, a proposta do RU estava em consonância com ações tomadas em âmbito nacional naquele momento. E, apesar do sistema de alimentação universitário não ser beneficiado por essa lei, a UFRJ viu nela uma oportunidade para se organizar e conduzir uma mudança em seu sistema. A proposta inicial era que uma porcentagem do alimento que abastece o



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

RU/UFRJ fosse provinda da agricultura familiar agroecológica. Tal ação implicaria tanto em melhoria na qualidade da alimentação universitária como no fortalecimento da agricultura familiar local.

Diante dessa decisão, o grande desafio de abastecer o RU era, a partir daquele momento, um desafio de toda a rede pública de ensino do país, não apenas no Rio de Janeiro, mas em vários outros estados brasileiros.

2 A experiência do mapeamento

Apesar do desconhecimento da maioria dos brasileiros acerca do potencial produtivo da agricultura familiar e de sua importância econômica para o país, cabe destacar que cerca de 70% do alimento consumido no Brasil é proveniente desses pequenos produtores. Segundo dados do IBGE (2009), apesar de ocupar 24,3% da área total cultivada no país a “[...] agricultura familiar, [...] participa de 9% do produto interno bruto (PIB) do país” (PANCETTI, 2010) e é responsável por 38% do valor bruto da produção gerada (FIG.2).

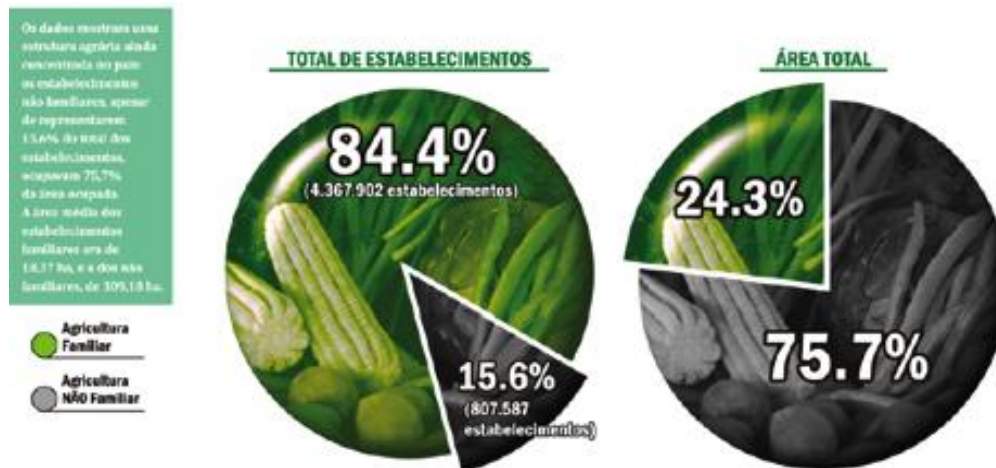


Figura 2: Participação da agricultura familiar. Fonte: MDA, 2009, p.3

Tais dados reforçavam a viabilidade da proposta de abastecimento do RU com alimento provindo da agricultura familiar. No entanto, inicialmente haviam duas barreiras à execução da proposta: a primeira de ordem legal, como incluir uma restrição sobre o produto a ser adquirido na licitação para aquisição de alimentos?; a segunda de ordem prática, como encontrar produtores familiares de determinados produtos em quantidade suficiente para abastecer o RU? Afinal, o quantitativo para um item que fosse à salada, por exemplo, já era um grande volume, já que o RU naquele momento servia cerca de 2,5 mil refeições por dia. Ou seja, seria necessário tempo para o restaurante readequar seu cardápio e para os agricultores se organizarem.

Nesse sentido, motivados pelo interesse de inserir em uma das maiores universidades do país as discussões referentes a uma alimentação saudável, fortalecer os grupos de pequenos produtores agroecológicos do Estado do Rio de Janeiro e colaborar para efetivação da nova proposta de abastecimento do RU, foi iniciado o trabalho de mapear esses produtores e identificar suas produções.

Com essa demanda de sistematização de informações a Agência de Inovação iniciou o projeto de “Mapeamento da agricultura familiar agroecológica do Estado do Rio de Janeiro”. Seu



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

objetivo foi identificar, localizar e levantar dados sobre a produção agroecológica no estado para a elaboração de um banco de dados que ficaria disponível na web. A estratégia adotada foi buscar informações em fontes secundárias para depois verificar as informações através de visitas aos produtores.

A proposta do mapeamento foi estruturada a partir dos conceitos de segurança alimentar e dos ideais que partiam do entendimento de uma agroecologia inclusiva, que se fortaleceu com a aprovação da Lei 11.947, anteriormente citada, que trata da aquisição de produtos para a alimentação escolar.

Como já dito, uma das barreiras à efetivação da proposta era o alto volume demandado para o abastecimento do RU/UFRJ. Para tanto, tornou-se imprescindível levantar algumas informações básicas sobre o setor, como: quem são os agricultores familiares agroecológicos do estado do Rio de Janeiro, onde eles estão situados, o que produzem e em que quantidade. Em uma pesquisa preliminar foi detectado, naquele momento que apesar de importantes, inclusive para garantir a execução da Lei 11.947, tais informações não existiam de maneira sistematizada e disponível em nenhuma das grandes instituições envolvidas com a agricultura familiar no estado. Assim, a partir desse problema, detectamos a necessidade e a oportunidade de criar um mapeamento dos atores envolvidos na produção dos alimentos agroecológicos no estado do Rio de Janeiro.

Tal mapeamento serviria a princípio aos interesses da UFRJ, e posteriormente poderia ser expandido, tornando-se uma ferramenta pública para eventuais aquisições diretas de alimentos produzidos por agricultores familiares agroecológicos, ou para dar sustentação à outras atividades que tenham como público-alvo tais produtores(as).

A dimensão deste trabalho e sua complexidade exigiu da equipe executora reuniões periódicas para discussão e definição dos limites e propósitos da ação. Assim, a delimitação do mapeamento foi determinada por três recortes:

- ser pequeno produtor,
- ter produção agroecológica e
- estar nos limites do estado do Rio de Janeiro.

2.1 Objetivos

A iniciativa do mapeamento teve como objetivos:

- identificar e localizar produtores familiares de alimentos agroecológicos do estado do Rio de Janeiro para abastecimento do sistema de alimentação da UFRJ,
- desenvolver um sistema *web* com os dados levantados de maneira a facilitar o acesso a esses produtores e o comércio direto,
- gerar um quadro que possibilitasse formar um panorama da realidade da produção agroecológica do Rio de Janeiro,
- criar um sistema para inovar na compra de alimentos e
- desenvolver um modelo de gestão para o RU replicável em outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

2.2 Metodologia



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

A equipe executora do projeto de mapeamento foi formada por um coordenador – docente do Programa de Engenharia de Produção da COPPE, uma aluna de mestrado do mesmo programa, uma técnica da Agência UFRJ de Inovação e dois alunos de graduação, sendo um do curso de Biologia e o outro do curso de Ciências da Computação. A equipe reunia-se semanalmente para discussão sobre o processo de levantamento dos dados, reflexão sobre os resultados encontrados e redefinição dos caminhos a serem trilhados.

Para o desenvolvimento do trabalho foram definidas as seguintes etapas metodológicas:

- i. Levantamento de dados
- ii. Visita à campo para conferência de informações
- iii. Sistematização da informação
- iv. Desenvolvimento de ferramenta digital na *web* para acesso às informações

2.3 Desenvolvimento

As atividades do mapeamento se iniciaram em 2009 e primeiramente, orientados pelas condições objetivas relacionadas com as estratégias de abastecimento do RU, restringiu-se o recorte da sistematização dos dados da produção familiar agroecológica às hortaliças em um raio de aproximadamente 100 km de distância do *campus* da Ilha do Fundão. Nesse primeiro momento, priorizou-se a busca de dados junto à fontes secundárias que já possuíssem cadastros e os dados pretendidos pelo grupo, de forma a sistematizá-los numa ferramenta única e de manejo didático. Foram consultados: sites dos Ministérios do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Censo Agropecuário 2006, Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), Articulação Agroecológica, Rede Ecológica, Sebrae, Rede de Tecnologia Social (RTS) e ASPTA Agricultura Familiar e Agroecologia.

Esse primeiro recorte assumido pelo mapeamento suscitou várias discussões no intuito de delinear mais claramente objetivos concretos do projeto. A iniciativa de abastecimento do RU, mesmo priorizando um único gênero (hortaliça), frustrou-se em função de uma série de implicações que tal abastecimento traria a nível de organização, entraves burocráticos e alimentos em quantidade suficiente para a demanda.

No decorrer do levantamento de dados, as dificuldades elencadas promoveram reflexões que explicitavam a necessidade do grupo responsável pela iniciativa do mapeamento em determinar objetivos imediatos e concretos para o mesmo. Ainda nesse momento, como pontos positivos tivemos o (re)conhecimento de diversos outros grupos de agricultores familiares organizados em cooperativas, como também de forma individualizada. Pudemos ter um vislumbre do panorama da agricultura agroecológica fluminense, conhecendo um pouco mais a realidade dos grupos, localização, quantidade e suas articulações com outros grupos que os promoviam de alguma forma. Por conta disso, houve uma maior reflexão por parte do grupo acerca das finalidades do mapeamento e das informações sistematizadas na ferramenta *web*.

No final da primeira etapa, desejosos de informações com maiores detalhamentos, acabou-se por adotar novas estratégias de ação. Grande parte das informações adquiridas junto às fontes secundárias até apontavam a existência de novas cooperativas e associações de produtores familiares agroecológicos do estado, mas não traziam informações cruciais como, produção, contato e dados dos agricultores individualizados. Por estes motivos, nesse segundo momento



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

adotamos a estratégia de visitas às propriedades dos grupos organizados. Os diversos grupos elencados foram distribuídos de forma que a equipe de pesquisa visitasse todas as propriedades-alvo (Quadro 1).

Quadro 1 – Cooperativas e Associações visitas

Grupo	Município
COOPAGÉ Cooperativa dos Pequenos Produtores Rurais e Agricultores Familiares do Município de Magé	Magé
SerOrgânico Grupo de Produtores Orgânicos	Seropédica
UNIVERDE Cooperativa de Agricultura Familiar e Produtos Orgânicos	Nova Iguaçu
APRVC Associação dos Produtores Rurais de Vila de Cava	Nova Iguaçu (Vila de Cava)
Feira da Terra	Nova Iguaçu
Feira de Teresópolis	Teresópolis
Feiras do Circuito carioca	Rio de Janeiro

Fonte: elaborado pelos autores

Durante esta segunda etapa detectou-se a necessidade de um novo recorte ao projeto, que contemplasse os dados adquiridos. Nesse momento foi importante decidir entre apresentar dados fragmentados de agricultores individualizados (dados presente em abundância, adquiridos junto às fontes secundárias) ou dados de agricultores organizados em cooperativas e associações. A decisão do grupo foi priorizar a apresentação de dados referentes aos agricultores organizados em grupos, de forma a, principalmente, fortalecer suas instâncias de organização.

Passando à terceira fase do mapeamento, a sistematização da informação, foi desenvolvido um banco de dados. Tal ferramenta esteve inicialmente focada na relação produtor-propriedade, mas o recorte apontado acima levou à uma nova modelagem focada na relação produtor-cooperativa.

Os bancos foram criados no Microsoft Access por se tratar a princípio de um banco de dados *offline*. Posteriormente, com o início do desenvolvimento da ferramenta *web*, o banco foi migrado para MySQL, principal programa de banco de dados utilizado para criação de sites, utilizando dados no formato de planilhas Microsoft Excel e documentos Microsoft Word.

Nesta etapa a principal dificuldade foi com relação à fragilidade dos dados. Muitas das informações coletadas contavam com dados incompletos. Um exemplo, é que em vários casos



faltava o CPF, o que impossibilitava a inserção no banco, pois o CPF era a chave primária de identificação do produtor na ferramenta. A falta de informação em si já era uma grande dificuldade vivenciada durante todo o percurso do projeto.

Como fase final do mapeamento e com o objetivo de desenvolvimento de tecnologia para promoção de comércio direto, acompanhamento e atualização da produção, foi iniciada a criação de uma ferramenta *web* para disponibilizar os dados coletados e promover a troca de informações. A criação do site foi feita com o gerenciador de conteúdo Joomla, programa que simplifica o processo de desenvolvimento de um site pois já conta com conteúdos prontos, e o banco de dados do site usando o MySQL *workbench*, programa gratuito para a modelagem de bancos, e o *phpmyadmin*, programa baseado em *web* que permite a alteração no banco de dados de forma simples, facilitando o seu gerenciamento.

Nesta etapa encontrou-se dificuldade para adaptar a modelagem do banco de dados (FIG. 3) de um sistema *offline* para um *online*, levando em conta questões como desempenho e tabelas necessárias para o *site* e a linguagem PHP necessária para alterar o código fonte do site, permitindo uma customização maior que se adequasse às nossas necessidades.

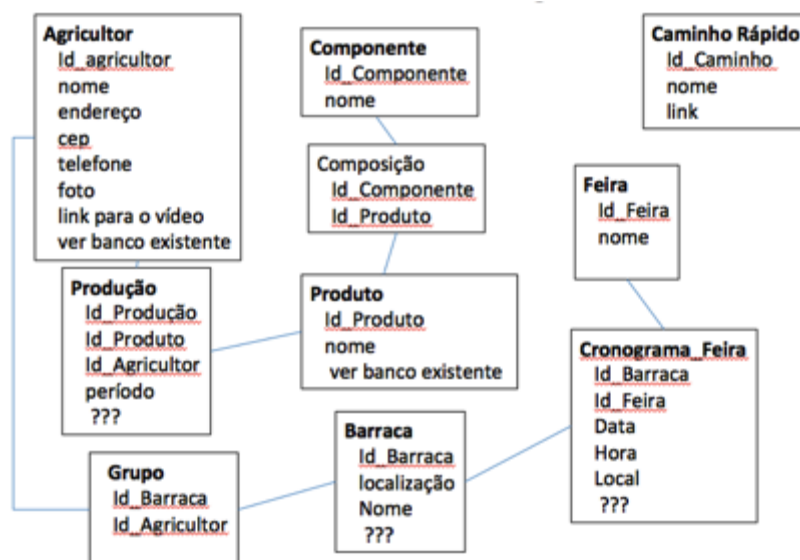


Figura 3: Modelagem para o banco de dado. Fonte: elaborado pelos autores

3 Dificuldades, resultados e desafios

As dificuldades encontradas durante a primeira fase de levantamento de dados foram maiores do que o imaginado. O recorte definido foi um fator de dificuldade, pois a relação entre agricultura familiar e a produção agroecológica ou orgânica não é natural. Há informações sobre agricultura familiar, mas elas não discriminam se a produção é orgânica. Por outro lado, há informações sobre produção orgânica, mas que não dizem respeito à produção de baixa escala. Assim, ao mesmo tempo em que isso reforçava a importância da iniciativa do mapeamento, se apresentava como uma tarefa difícil de ser executada.

A desorganização dos dados nas instituições representativas dos agricultores orgânicos do estado do Rio de Janeiro foi outro fator de entrave para o desenvolvimento do trabalho. Além



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

disso, um retorno extremamente demorado e inconsistente por parte das instituições consultadas, foi fator de desestímulo da equipe

A pouca familiaridade e interesse dos alunos da área técnica com a temática em estudo (agricultura familiar agroecológica) foi uma dificuldade, mas também um grande desafio. Inicialmente o problema esteve pautado na própria formação da equipe e contratação de bolsistas. Tal fato gerou atraso no projeto, inicialmente previsto para acontecer em um período de 6 a 8 meses. Além disso, o desconhecimento mais aprofundado do assunto, por parte dos alunos, provocava certa confusão quanto aos objetivos do trabalho e aplicação da ferramenta. Mas, por outro lado, também possibilitou o crescimento da equipe e uma maior integração entre áreas diversas a partir de um tema comum de trabalho e incomum entre elas.

Outro ponto importante de se destacar é a desconfiança de alguns produtores sobre os nossos intuítos. O que exigia maior preparação da equipe para lidar com situações não previstas.

Quanto aos resultados obtidos, os mesmos relacionam-se de forma direta e indireta com a proposta do mapeamento. Há também que se destacar a relação direta dos resultados com os desafios enfrentados no processo.

Como resultados diretos, podemos apresentar o envolvimento de diversas áreas e atores da universidade (docente, alunos de pós-graduação, alunos de graduação e técnicos); a troca de conhecimentos entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento tradicional; o contato com realidades distintas e a mudança de perspectiva do olhar dos alunos ao trocar com outras áreas do conhecimento, como engenharia, nutrição, biologia, ciências da computação. Mais especificamente, o mapeamento forçou alguns grupos a organizarem seus dados e assim se auto-conhecerem melhor. Outro resultado interessante foi a oportunidade de analisar informações de veículos oficiais junto com os agricultores.

Indiretamente, podem-se destacar como resultados do projeto, a instalação da Feira Agroecológica da UFRJ no *campus* da Ilha do Fundão, o evento anual “Encontro de Sabores e Saberes” realizado no referido *campus* e a inclusão de uma cláusula no contrato com a empresa terceirizada pela produção de alimentos para o RU/UFRJ.

Como resultado final do projeto, no que diz respeito à proposta de desenvolvimento de uma ferramenta virtual disponível na *web*, chegamos a um desdobramento e redirecionamento da mesma para uma plataforma piloto para um grupo inicialmente menor de produtores, utilizando como ponto de partida a Feira Agroecológica da UFRJ. A proposta está calcada na importância detectada durante a pesquisa de apropriação dos agricultores pela proposta e entendimento do sistema, de maneira que eles mesmos possam se cadastrar na plataforma. O portal está em desenvolvimento e pode ser acessado através do endereço <http://feiraagroecologica.pr5.ufrj.br/> (FIG.4). Nesse espaço virtual os agricultores poderão inserir seus dados de produção e receber encomendas. Uma equipe interdisciplinar que envolve alunos de graduação do curso de Ciência da Computação, mestrandos e doutorandos da Engenharia de Produção, professores dos dois cursos e do curso de gastronomia e, ainda, técnicos envolvidos com o projeto da feira, tem desenvolvido esse trabalho que objetiva também, a inclusão digital da agricultura familiar.



Figura 4: Portal da Feira Agroecológica da UFRJ. Fonte: <http://feiraagroecologica.pr5.ufrj.br/>

Durante todo o percurso, os desafios que andaram lado-a-lado com cada resultado, foram:

- O levantamento de informações;
- O diálogo entre os diversos atores;
- Barreiras legais;
- Desorganização do setor;
- Despertar o interesse dos alunos da área técnica pela temática da agricultura e, mais ainda, pelo contato direto com os agricultores;
- Construir um senso comum sobre a ferramenta *web* e;
- Tornar a universidade efetiva para a Feira Agroecológica da UFRJ.

4 Conclusões

Ao longo do trabalho pode-se verificar que a interseção entre agricultura familiar e agricultura orgânica no estado do Rio de Janeiro ainda é pequena. Além disso, há uma enorme precariedade no que diz respeito à comercialização e ao transporte por parte dos agricultores. Essa constatação foi uma das formas de entender que a proposta do RU em iniciar um abastecimento com alimentos providos da agricultura familiar agroecológica é inovadora, pois além de agir em um campo ainda nebuloso, onde muitas coisas ainda estão em construção, tenta contribuir para a efetivação desse tipo de produção. Além disso, ainda não se conhecem relatos de outros sistemas de alimentação universitária no país que tenham uma iniciativa desse tipo implantada.

De outro modo, a iniciativa têm exigido um esforço conjunto de áreas diversas do conhecimento em compreender o assunto mais a fundo e trabalhar de maneira conjunta. O projeto do mapeamento é apenas um exemplo deste tipo de mudança. Outro caso é a própria necessidade de adequação do cardápio. O novo cenário proposto muda toda a lógica de



trabalho dos nutricionistas. Diferente das prateleiras dos supermercados que ‘tem tudo o ano todo’, a produção orgânica retorna a pensar a sazonalidade e a regionalidade dos alimentos. Com isso, ao invés de montar o cardápio e depois buscar fornecedores, tornou-se preciso fazer o contrário – analisar o que tem disponível para que se possa montar o cardápio. Ou seja, a iniciativa do RU têm exigido uma reflexão até mesmo quanto ao ensino que tem sido ofertado nos cursos de graduação.

De maneira geral, ao longo do processo do mapeamento (2009 a 2011) as políticas públicas no campo da agricultura familiar e produção orgânica tiveram grande avanço. Hoje é possível encontrar informações sobre esses produtores de forma mais acessível e relacionada em algumas fontes como MDA e MAPA. Apesar da ferramenta na *web* concebida originalmente ter se transformado em um piloto de menor dimensão, o processo foi muito rico em reflexões, debates, aprendizagem e, principalmente, nas interações e conexões entre diversas áreas do conhecimento e culturas. O contato com os agricultores, com as instituições públicas, privadas e do terceiro setor propiciou conhecer realidades, discursos e práticas distintas. A própria composição da equipe, ao reunir em torno de um objeto de estudo estranho à natureza do campo de formação da maioria dos componentes, aproximando a graduação da pós-graduação, foi uma experiência desafiadora.

Em paralelo ao processo do mapeamento, a equipe do projeto esteve envolvida em outras iniciativas direcionadas à promoção de uma alimentação saudável no *campus* da UFRJ e ao fortalecimento da agricultura familiar agroecológica do estado do Rio de Janeiro, como a instalação de uma Feira semanal no *campus* e a institucionalização de um evento anual voltado para o debate sobre a questão do alimento – o Encontro de Sabores e Saberes. Também fez parte do trabalho participar de exaustivas reuniões sobre como realizar a compra desses alimentos para serem ofertados nas refeições do RU. Como resultado foi incluída no contrato com a empresa terceirizada, a oferta semanal de apenas um item da salada. Pode parecer pouco, no entanto, a inclusão desta cláusula tem importância significativa para avanços concretos nesta direção.

O exercício de busca de dados e a discussão sobre os objetivos e possibilidades de aplicação de uma ferramenta tecnológica para atingir nossos objetivos foram os grandes ganhos desse processo. Assim como, a constatação da importância da contribuição da tecnologia para o empoderamento de grupos sociais vulneráveis e da universidade para a formulação de políticas públicas.

Por último, gostaríamos de destacar a importância de estudo e discussão do tema agroecologia e agricultura familiar, que demonstrou-se um campo fértil para pesquisa e desenvolvimento de ações. A experiência da Feira Agroecológica da UFRJ foi e têm sido uma vivência importante para os diversos atores da universidade e se constitui como um ponto de partida para o início de novos trabalhos. Destacamos assim, a pertinência e importância do desenvolvimento de novos projetos de pesquisa e extensão que abordem a temática aqui discutida.

5 Referências Bibliográficas

BARTHOLO Jr., Roberto dos Santos. “Breves notas sobre inovações sociais solidárias”. In: *Revista Brasileira de Design*, ano I, n.10, 2008. Disponível em:

<http://www.agitprop.com.br/ensaios_det.php?codeps=MzF8ZkRoOA==>.

BRASIL. Lei Nº 11.974, de 06 de julho de 2009.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

BRASIL. Ministério da Agricultura e Abastecimento. *Controle social na venda direta ao consumidor de produtos orgânicos sem certificação*. Brasília: Mapa/ACS, 2008a.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Abastecimento. *Produtos orgânicos: sistemas participativos de garantia*. Brasília: Mapa/ACS, 2008b.

EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). *Marco referencial em agroecologia*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FONSECA, Maria Fernanda de A. Costa; CAMPOS, Fábio Ferreira de. *O mercado dos orgânicos no estado do Rio de Janeiro – Brasil: opção para os agricultores familiares na busca pela competitividade no setor FLV in natura*. 1999. Disponível em: <www.rimisp.org/ifsa/php/simposio/documentos/253.pdf>. Acesso em set. 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2006 – agricultura familiar, primeiros resultados*. Rio de Janeiro, 2009

LUCENA, André Duarte. *Construção participativa de um sistema de informações em uma associação de produtores de agroecológicos*. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção), Centro de Tecnologia, UFPB, João Pessoa, PB, 2010.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Cadeia produtiva de produtos orgânicos*. Coord. Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Agricultura familiar no Brasil e o censo agropecuário 2006*. 2009.

PANCETTI, Alessandra. “Os desafios da Agricultura familiar”. In: *ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, LABJOR/SBPC, 08 jan 2010. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3¬icia=600>> Acesso em 14 jan. 2010.

SLOW FOOD. *Movimento – Slow Food*. Disponível em <<http://www.slowfoodbrasil.com>>. Acesso em 05 mar 2010.

SOUZA, Márcio Rogério Piratello Freitas de. *Interação entre o tradicional e o científico na construção do conhecimento agroecológico: o caso de agricultores de Casimiro de Abreu e Silva Jardim – RJ*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.

THIOLLENT, M. *Metodologia de Pesquisa Ação*. 7a ed. (1985 – 1ª ed.) São Paulo: Cortez Editora, 1996.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro”. In: PETERSEN, Paulo (org). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

WEID, Jean Marc von der. “Agricultura familiar: sustentando o insustentável?”. In: *Agriculturas: experiências em agroecologia*, v.7, n.2, jul 2010.